



WULF, Christoph. **Homo Pictor**: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo: Hedra, 2013. 216 p.

# A imaginação e o aprendizado mimético

## Imagination and mimetic learning

Marcia Boroski \*

Em “Homo Pictor, imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado”, o pensador interdisciplinar alemão, Christoph Wulf, reflete na interface de áreas - como Antropologia, Comunicação e Educação - sobre a condição do homem como produtor - e ao mesmo tempo produto - de imagens na cultura. Wulf é dono de um currículo consolidado, com atuações nas Universidade Livre de Berlim, Stanford, Paris, Estocolmo, Amsterdã, Londres, Tóquio, Quito, Mysore, Pequim, São Petersburgo e outras. Nesta obra, o autor dá voz para discussões sobre os modos como aprendemos e desenvolvemos nossa organização social por meio do processo mimético. *Homo Pictor* é o estágio em que o homem tornou-se capaz de compor imagens icônicas, como uma representação de uma imagem vista anteriormente.

As discussões são divididas em quatro partes, que atendem aos conceitos de imaginação, mimese, ritual, aprendizado e globalização. A obra, originalmente em alemão, foi traduzida para o português por Vinicius Spricigo e publicada em 2013. Constituído por textos que formam artigos independentes, o livro tem como argumento inicial a explicação de que a imaginação é constituinte essencial da cultura e que os imaginários - individual e coletivo - são a base do ser humano. Na sequência, o autor elenca também seu entendimento sobre processo mimético, como um processo de imitação pelo qual as crianças aprendem a sentir-se, expressar-se e modificar-se.

O entendimento dos meios de comunicação de massa como constituintes da cultura visual contemporânea percorre todo o livro. Afinal, qual seria o resultado social e cultural da onipresença de imagens produzidas por simulações matemáticas, como, por exemplo, as imagens eletrônicas?

\* Graduada em Comunicação Social - habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina e mestre em Comunicação pela mesma instituição.

Partindo da visão da imaginação como a conexão do homem com o mundo, fica evidente a valorização das imagens. Que também fique clara a sistematização de que a imagem pode manter uma relação mágica, de semelhança ou de casualidade com um referente. Desta forma pensa-se a imagem como uma apresentação de uma ausência.

O pensamento de Platão e Aristóteles é retomando em vários momentos. Wulf os recupera para lembrar que a imagem é uma representação da realidade, independente dos condicionantes da filosofia. A produção mimética é substancial para que o homem construa suas próprias imagens de si, suas próprias representações. É um processo de apropriar-se do externo e interiorizá-lo.

Já imagens televisivas, de natureza eletrônica, tendem a ser mais aceleradas, onipresentes, intimamente ligadas às leis econômicas e interligadas entre si. De acordo com Wulf, estas imagens procuram imagens anteriores, para incorporá-las e propor algo novo a partir dela. Tornam-se fascinantes por apresentarem-se de forma fragmentada e ubíqua.

É a nossa imaginação que nos insere no cultural, no social e que determina a nossa relação com objetos materiais, segundo o autor. O imaginário coletivo de uma determinada cultura constitui o mundo das imagens interiores daqueles que entram em contato com aquela cultura. São relações constituídas principalmente de imagens que estimulam o pertencimento e a coletividade.

Com relação à memória, a discussão presente nesta obra de Wulf mostra que ela é a chave para tornar interna uma imagem. O autor, inclusive, propõe um exercício: após ter contato com uma imagem, fechar os olhos e tentar recriá-la mentalmente. Afinal, desta forma, cada imagem tomaria um espaço único e não estaria sujeito à dinâmica das acelerações das imagens eletrônicas.

Assim sendo, os processos miméticos são a forma pela qual o homem se torna inteligível e, com isso, parte de um mecanismo social. Um exemplo é o uso de processos miméticos para o controle social. O autor dá o exemplo do fim de casos de violência por meio da morte de um bode expiatório, mesmo que não seja devidamente culpado. Junto

com o bode morrem todos os processos miméticos que estimulavam aquela população. Wulf nos lembra por diversas vezes na obra que mímese não é a cópia em si, mas uma interiorização de imagens e/ou experiências externas.

Para pensar a aprendizagem, o autor defende que todo o aprendizado passa por um processo mimético. Principalmente em crianças. Assim, todo o desenvolvimento infantil passa pelas trocas que a criança faz com o ambiente externo, de forma a transferi-lo para o mundo interno. Nessas transferências também são incorporados processos culturais e sociais. Neste panorama, o autor explica que aprendizado mimético é a mesma coisa que aprendizado cultural.

Toda a experiência de Christoph Wulf com Antropologia e Pedagogia eleva o nível de sua discussão. Ele parte da perspectiva de que as performances e as encenações são vitais para a produção de práticas sociais, por meio do processo mimético, conduzindo à criação de práticas singulares. É somente pelos processos miméticos que o homem consegue firmar vínculos, transformar o mundo externo e a si mesmo.

O fator humano é determinado por elementos corpóreos, por elementos interiores do corpo e pela alma. Neste ponto julga-se importante discutir que a defesa de que o mundo social é produzido em vias de mão dupla - externa e internamente - e que as trocas e experimentações dão subsídios para criações e enfrentamentos.

Quanto maior o aprendizado mimético, mais o ser humano se torna sensível ao mundo. Dentro de ambientes sociais, as capacidades sensíveis são valorizadas. Afinal, quanto mais aguçada for a sensibilidade de alguém, mais chances essa pessoa tem de ter empatia em relação aos outros, visto que ao longo de sua vida aprendeu a ler diversos gestos, expressões faciais e compreensão das sensações.

Além disso, Wulf recupera a discussão de rituais a partir do entendimento de que eles auxiliam na configuração social. Ele elenca alguns importantes, como os de nascimento e morte. Entretanto, o destaque fica com os rituais midiáticos, os quais qualquer pessoa pode participar e compartilhar as emoções suscitadas pelo ritual. Porém, este tipo de ritual

perde em sentido e profundidade para os da vida cotidiana, que não são midiaticizados.

Nos rituais cotidianos, as performances e encenações garantem aos participantes diferentes funções nas várias cenas ali apresentadas. É a verdadeira criação de uma realidade que resignifica todo um contexto sócio-cultural. Deve-se lembrar que somente por meio da repetição o ritual se torna enraizado e reafirmado por uma ordem de acontecimentos. O potencial transformador também é evocado pelas repetições.

Outras características importantes do ritual são o tempo e o espaço. Por meio deles o ritual se constitui em imaginários e espaços simbólicos. Os gestos também são importantes para esta composição. Combinados com expressões faciais, eles compõem significados que podem não ser controláveis, nem conscientes. Afinal de contas, são os gestos e expressões faciais as primeiras e principais expressões do homem, modos de tornar externo os sentimentos. Eles também criam, expressam e mantêm diferenças sociais e culturais.

É também por meio do corpo que o homem transmite boa parte do aprendizado. Para aprofundar-se neste tema, Wulf propõe o termo patrimônio cultural intangível, que abriga tudo aquilo que sobrevive por e em histórias orais, práticas sociais, rituais e conhecimentos práticos. Estes patrimônios estão sujeitos à dinâmica da vida para ultrapassarem a barreira do tempo. Por isso, estarão sujeitos às transformações sociais, memória, identidades culturais, criatividade, tradições, problemas de alteridade etc.

O item alteridade chama a atenção por discutir como é possível realizar políticas de proteção à cultura intangível respeitando as diferenças étnicas, culturais e quaisquer outras que possam surgir. Uma saída levantada pelo autor é justamente o deslocamento de perspectiva para o lugar do outro. Em constante mudança de perspectiva seria possível reduzir as possibilidades de pensar o outro como “estrangeiro”. Ainda nesta discussão, outra saída é propor modos de aprendizado transcultural, intercultural ou multicultural. O intuito é diminuir as tensões para preservações de patrimônios culturais intangíveis, respeitando seus respectivos contextos culturais.

Para pensar a globalização e os processos miméticos o autor sugere que é preciso estimular uma educação transcultural, que respeite a alteridade, evitando a violência. Nessa dimensão global, Wulf lembra que o processo cultural globalizado passa por instâncias econômicas, processos produtivos e de consumo, lógicas dos meios de comunicação de massa, misérias e guerras (veladas ou não), em sua maioria reféns de colonialismos - já quase esquecidos - e do capitalismo cotidiano.

Culturas, saberes e sociedade não conseguem se desenvolver de forma efetiva quando estão imersas em conflitos violentos. Vê-se que é justamente a capacidade de perceber e compreender as diferenças entre as pessoas um dos fatores determinantes para minimizar tais conflitos sociais. Somente desta forma o homem consegue se espelhar no outro, desenvolver-se com ele, sentir-se pela perspectiva do outro, superar barreiras criadas e consolidadas historicamente, reduzindo estruturas sociais violentas, de forma continuada.